

A FILOSOFIA FREIRIANA E O ENSINO BRASILEIRO: UMA ANÁLISE CRÍTICA SOBRE OS REFLEXOS DA FILOSOFIA DE PAULO FREIRE NO ENSINO SUPERIOR NACIONAL

Martinho Fazenda Ducal⁹⁵
Fernando Henrique Lopes⁹⁶

RESUMO:

No imaginário de muitos, Paulo Freire não foi apenas um educador ou pesquisador, mas sim, um dos melhores idealizadores e mentores da educação Brasileira. No entanto, existem filósofos, educadores e analistas da educação com leituras de Paulo Freire completamente diferentes. Objetivando buscar as raízes históricas do método Paulo Freire, bem como avaliar a sua influência no cenário educacional brasileiro pretende-se, à luz desses estudiosos, analisar de forma crítica o pensamento de Paulo Freire e o seu reflexo no ensino superior nacional. A metodologia de pesquisa usada para a produção deste trabalho baseou-se em fontes bibliográficas. Para melhor sistematização da pesquisa, o presente estudo fez um levantamento histórico sobre a criação, desenvolvimento e experimentação do suposto método, analisou a tese central do livro Pedagogia do oprimido e as principais ideias filosóficas desenvolvidas por Freire na obra e também idéias de filósofos, educadores e analistas da educação sobre a filosofia de Freire e seus reflexos no Ensino Superior.

PALAVRAS-CHAVE: Filosofia. Paulo Freire. Investigação. Ensino Superior.

INTRODUÇÃO

O tema A filosofia freiriana e o Ensino brasileiro: uma análise crítica sobre os reflexos da filosofia de Paulo Freire no Ensino Superior nacional foi motivado pelo fato de Paulo Freire ser notadamente um dos autores mais conhecidos do campo educacional brasileiro, entretanto, desde que as suas ideias começaram a ser propagadas, pouca reflexão foi feita no país em âmbito acadêmico sobre o seu pensamento e suas obras⁹⁷. No entanto, fora do Brasil, existem publicações em jornais e revistas da educação, e críticos pessoais que sempre se dedicaram a ler, analisar e criticar o seu pensamento e as suas obras. Diante disso, questionou-se se realmente há procedência e coerência nas observações desses críticos com relação às ideias de Freire.

⁹⁵Capelão Institucional. Especialista em Docência do Ensino Superior pela Faculdade Católica de Anápolis

⁹⁶ Especialista em Docência do Ensino Superior pela Faculdade Católica de Anápolis

⁹⁷Exceto alguns "blogueiros" que fazem algumas críticas, mas sem fundamentos acadêmicos.

Outro aspecto motivador foi a ideia de que Paulo Freire criou um método de alfabetização. Por quase duas décadas, se falou do “método Paulo Freire” e se referiu a ele como criador do suposto método, mas com poucas informações ou relatos históricos nos ambientes acadêmicos⁹⁸ sobre o processo da criação e de experimentação científica de tal método,

Sendo assim, pretende-se neste estudo realizar uma análise acurada sobre o assunto a fim de buscar as raízes históricas do método bem como avaliar sua influência no cenário educacional brasileiro. Para melhor sistematização da pesquisa, o presente estudo foi dividido nos seguintes tópicos: Tópico 1: Um breve histórico sobre o embrião do suposto método freiriano. Neste tópico, fez-se um levantamento histórico sobre a criação, desenvolvimento e experimentação do suposto método.

Tópico 2: Pedagogia do oprimido: uma análise da filosofia de Paulo Freire. Aqui, analisou-se a tese central do livro Pedagogia do oprimido e as principais ideias filosóficas desenvolvidas por Freire na obra. Tópico 3: Observação dos filósofos, educadores e analistas da educação sobre a filosofia de Freire e seus reflexos no Ensino Superior. Aqui, procurou-se analisar as observações críticas dos pesquisadores comprometidos com a educação. A metodologia de pesquisa usada para a produção deste trabalho baseou-se em fontes bibliográficas.

UMA BREVE ANÁLISE HISTÓRICA SOBRE O EMBRIÃO DO SUPOSTO MÉTODO FREIRIANO

De acordo com Vera Lúcia Queiroga Barreto, “Muito já se escreveu e discutiu sobre o chamado ‘Método Paulo Freire’, mesmo quando o próprio Paulo Freire dizia que não havia criado um método, mas sim, uma metodologia”⁹⁹. Argumentando, ela observa:

⁹⁸Salvo o vídeo intitulado: Documentário Biografia e Método Paulo Freire, publicado no dia 29 de Maio de 2013, pela acadêmica Lorrany de Jesus. Neste a pesquisadora afirma que o Método Paulo Freire nasceu em 1962, quando Freire era diretor do departamento de extensões culturais da Universidade de Recife. Freire teria formado um grupo para testar o método na cidade de Angicos (RN). Porém, não fala nada sobre algum teste acadêmico. O vídeo está disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=vYJ_uYkbS1vw. Acesso em: 23 de Novembro de 2014. Carlos Rodrigues Brandão, na obra: O que é Método Paulo Freire, também apresenta a história do Método e o passo a passo dele. Entretanto, não menciona uma experimentação do método freiriano. Disponível em: http://www.sitiodarosadosventos.com.br/livro/images/stories/anexos/oque_metodo_paulo_freire.pdf> Acesso em: 10 de Janeiro/2015.

⁹⁹BARRETO, Vera Lúcia Queiroga. *Paulo Freire e a alfabetização: um método ou uma metodologia?* Disponível em: http://www.itd.org.br/img/capacitacao/3a_capacitacao_itd_2011_bases_epistemologicasfreireanas_para_a_alfabetizacao_de_jovens_e_adultos_19/CAPACITACAO_19_2013-04-11_17-16-16.pdf. Acesso em: 23 Novembro de 2014.

É possível que você que está lendo este artigo esteja perguntando: o que muda entre estas duas palavras tão parecidas: método e metodologia. Por método se entende um processo organizado de pesquisa ou ensino que, no caso da alfabetização, serve de guia para os alfabetizadores. A palavrção, por exemplo, segue um método. Isto é, acompanha determinados procedimentos que se desenvolvem gradualmente, numa certa sequência. Na palavrção a ordem a ser seguida é a seguinte: primeiro vem uma palavra, depois a sua divisão em sílabas, depois a apresentação das famílias silábicas, depois a criação de outras palavras utilizando o que se aprendeu. Só então aparecem pequenos textos. Mas as ideias de Paulo Freire em torno da alfabetização de adultos sempre foram muito mais amplas que qualquer método. Ele mesmo dizia que seu interesse pela questão da alfabetização sempre foi mais ‘gulosa’, sempre foi muito além do ‘ba-be-bi-bo-bu’,¹⁰⁰.

A colocação de Vera Lúcia é muito pertinente. O que se tem aqui é um dado histórico muito importante, e que pode ajudar na discussão objetivando à compreensão sobre o nascimento e implementação do método que leva o nome do senhor Paulo Freire. Ora, se o próprio Paulo Freire fez questão de deixar bem claro que não havia criado um método mas, sim, uma metodologia, por que a palavra metodologia foi suprimida e, em seu lugar, foi colocada a palavra método? Quando isso se deu? Por intermédio de quem? Por quê? E como o suposto método Paulo Freire veio a levar o seu nome?

Pelo que se pode entender, não foi por questão epistemológica das palavras, pois a diferença entre as palavras “método” e “metodologia”, tanto filosófica quanto tecnicamente, é bem patente. Não há nenhuma dúvida em relação a seus usos e empregos. O método, técnica e filosoficamente, é o caminho que se percorreu ou que se pretende percorrer; e metodologia pode ser entendida como um estudo sistemático dos métodos empregados na ciência, seus fundamentos, e especialmente sua validade científica¹⁰¹. Portanto, epistemologicamente, Vera Lúcia foi feliz em sua observação. Entretanto, a discussão sobre o assunto, realmente, parece não se direcionar em torno da diferença entre as duas palavras mas, sim, em torno da autoria do suposto método Paulo Freire. De acordo com o historiador David Gueiros Vieira:

Não há dúvida que a luta contra o analfabetismo, em todo o mundo, encontrou seu instrumento mais efetivo no Método Laubach. Ainda que esse método hoje tenha sido encampado sob o nome do Sr. Paulo Freire. O Método Laubach de alfabetização de adultos foi criado pelo missionário protestante norte-americano Frank Charles Laubach (1884-1970). Desenvolvido por Laubach nas Filipinas, em 1915. Em 1915,

¹⁰⁰ Ibid.

¹⁰¹ MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. Procedimentos didáticos. In: *Fundamentos de Metodologia Científica*. 6.ed. São Paulo: Ed. Atlas,2008

Frank Laubach fora enviado por uma missão religiosa à ilha de Mindanao, nas Filipinas, então sob o domínio norte-americano, desde o final da guerra EUA/Espanha. Na América Latina, o método Laubach foi primeiro introduzido no período da 2ª Guerra Mundial, quando o criador do mesmo se viu proibido de retornar à Ásia, por causa da guerra no Pacífico. No Brasil, este foi introduzido pelo próprio Laubach, em 1943, a pedido do governo brasileiro. Naquele ano, esse educador veio ao Brasil a fim de explicar sua metodologia, como já fizera em vários outros países latino-americanos. As cartilhas de Laubach foram copiadas pelos marxistas em Pernambuco, dando ênfase à luta de classes. O autor dessas outras cartilhas era Paulo Freire, que emprestou seu nome à "nova metodologia" como se ela fosse de sua autoria. Naquele ano, de 1943, o Sr. Paulo Freire já era diretor do SESI, de Pernambuco — assim ele afirma em sua autobiografia — encarregado dos programas de educação daquela entidade. Lembro-me bem dessa visita, pois, ainda que fosse muito jovem, cursando o terceiro ano Ginásial, todos nós estudantes sabíamos que o analfabetismo no Brasil ainda beirava a casa dos 76% - o que muito nos envergonhava - e que este era o maior empecilho ao desenvolvimento do país. A visita de Laubach a Pernambuco causou grande repercussão nos meios estudantis. Ele ministrou inúmeras palestras nas escolas e faculdades — não havia ainda uma universidade em Pernambuco — e conduziu debates no Teatro Santa Isabel. Refiro-me apenas a Pernambuco e ao Recife, pois meus conhecimentos dos eventos naquela época não iam muito além do local onde residia. Houve também farta distribuição de cartilhas do Método Laubach, em espanhol, pois a versão portuguesa ainda não estava pronta. Nessa época, a revista *Seleções do Readers Digest* publicou um artigo sobre Laubach e seu método — muito lido e comentado por todos os brasileiros de então que, em virtude da guerra, tinham aquela revista como único contato literário com o mundo exterior¹⁰².

O pioneirismo do missionário norte-americano, Frank Charles Laubach, no campo da alfabetização dos adultos é reconhecido, tanto em biografias escritas sobre ele, quanto nos textos livres escritos sobre a alfabetização de adultos. Segundo Paul Johnson, “o missionário norte-americano Frank Charles Laubach desenvolveu seu método de alfabetização de adultos inicialmente nas Filipinas, onde, em 30 anos, conseguiu alfabetizar 60% de sua população”¹⁰³.

Para Carlos Antônio da Rocha, “Frank Charles Laubach foi o principal pioneiro contemporâneo dos programas para a instrução do adulto”¹⁰⁴. E, de acordo com o Deputado Elimar Máximo Damasceno, do antigo Partido de Reedificação da Ordem

¹⁰²VIEIRA, David Gueiros. *Método Paulo Freire, ou Método Laubach?* Disponível em: <http://www.escoladempartido.org/artigos/178-metodo-paulo-freire-ou-metodo-laubach>. Acesso em: 10 de Novembro de 2014.

¹⁰³JOHNSON, Paul apud Felix Maier. Artigos Educação. *Um engodo chamado Método Paulo Freire*. Disponível em: [www. http://forodobrasil.info/fb/um-engodo-chamado-metodo-paulo-freire/](http://forodobrasil.info/fb/um-engodo-chamado-metodo-paulo-freire/). Acesso em: 22 de Novembro de 2014.

¹⁰⁴ROCHA, Carlos Antônio da. *Frank Laubach, o “Apóstolo da Alfabetização”*. Disponível em: http://www.no-caminhodejesus.blogspot.com.br/2012/06/normal-0-21-false-false-false-pt-xnone_7885.html. Acesso em: 22 de Dezembro de 2014.

Nacional (PRONA –SP), falar de Frank Charles Laubach é falar do criador do método de alfabetização de adultos, reconhecido em todo mundo, e que o movimento contemporâneo de alfabetização de adultos tem, em Laubach, seu principal pioneiro”¹⁰⁵. Como se pode perceber, relatos que associam o Missionário Frank com a alfabetização dos adultos são quase unânimes em relação ao seu pioneirismo.

Com relação à visita dele ao Brasil, também há outras informações que comprovam o referido acontecimento. Segundo Elimar Máximo Damasceno “em 1943, Laubach visitou o Brasil e introduziu o seu método. Proferiu muitas palestras, não somente para expor a técnica, como também para discorrer sobre os objetivos”¹⁰⁶. Segundo Edicleia Aparecida Alves dos Santos:

Em 1947, surgiu a Primeira Campanha Nacional de Educação de Adultos realizada pelo Ministério da Educação e Saúde, constituindo-se na primeira ação pública, com o objetivo de atender exclusivamente essa parcela da população composta pelo adulto analfabeto. A metodologia adotada para realização do trabalho de alfabetização foi o Método Laubach, o qual consistia num método de alfabetização criado por um missionário protestante norte-americano chamado Frank Charles Laubach, onde em 1915, alfabetizou mais de 60% da população das Filipinas. A proposta desse método consistia em partir de palavras conhecidas pelos alunos, advindas de sua fala bem como de figuras familiares aos mesmos, em processo de alfabetização¹⁰⁷.

O método Laubach, conforme demonstra Edicleia, funcionava a partir das palavras familiares ou conhecidas pelos alfabetizandos; palavras que faziam parte de suas conversas rotineiras; e figuras que lhes eram familiares. Ou seja, o método Laubach usava o ambiente e o contexto dos alunos para construir suas mentes e conduzi-los no processo de agregação de novas informações e novos conhecimentos.

Pelo que se pode perceber, esse método objetivava algo muito mais que saber ler, percebe-se que um dos objetivos impregnados no método era estimular o ato da interpretação no alfabetizando, era fazer com que o aluno soubesse relacionar o que lê com o que vê e percebe, ou seja, fazer com que o aluno saiba ler e interpretar o mundo. Portanto, o método Laubach consiste em usar o meio e a própria experiência do alfabetizando para construir o processo e o cenário de ensino-aprendizagem. Neste

¹⁰⁵Pronunciamento do Deputado Elimar Máximo Damasceno do PRONA – SP. Disponível em: <http://www.camara.gov.br/sileg/integras/294053.pdf>. Acesso em: 20 de Dezembro de 2014.

¹⁰⁶ Ibid.

¹⁰⁷SANTOS, Edicleia Aparecida Alves dos. *Resgate do Histórico do Analfabetismo Adulto no Brasil: um caminho ainda por se construir*. Disponível em: http://www.cereja.org.br/arquivos_upload/edicleia_rita_caminhos_descaminhos.pdf. Acesso em: 05 de Janeiro de 2015.

aspecto, nota-se uma grande semelhança com o método freiriano. Segundo Paulo Freire, a alfabetização de adultos deveria proceder-se a partir do:

Levantamento do universo vocabular dos grupos com quem se trabalhará; escolha das palavras, selecionadas do universo vocabular pesquisado; criação de situações existenciais típicas do grupo com quem se vai trabalhar; elaboração de fichas-roteiro, que auxiliam os coordenadores de debate no seu trabalho; e a feitura de fichas com a decomposição das famílias fonêmicas correspondentes aos vocabulários geradores¹⁰⁸.

Conforme Paulo Freire, a ênfase do método que leva o seu nome é o alfabetizando e o seu universo tanto vocabular quanto físico. Objetivando algo mais que a mera técnica de ler e escrever, como a valorização do alfabetizando e o seu universo, o método Paulo Freire aproveita os vocabulários do aluno e a experiência do seu cotidiano para a criação do cenário e a montagem do processo do ensino-aprendizagem. Argumentando, Paulo Freire diz que “a alfabetização é mais do que o simples domínio psicológico e mecânico de técnicas de escrever e de ler. É o domínio dessas técnicas, em termos conscientes. É entender o que se lê e escrever o que se entende”¹⁰⁹. Como se pode ver, tanto o método Laubach quanto o método Paulo Freire tinham como objetivo ajudar o aluno a saber interpretar. A compreensão e a interpretação do que se lê constituíam o foco dos dois métodos.

A convergência dos interesses e a compatibilidade dos objetivos e propósitos entre os dois autores não passou despercebida na observação de David Gueiros Vieira, que entende que Paulo Freire teria feito uma cópia fiel da base metodológica do método Laubach. O autor ressalta que Freire não admitiu, em sua autobiografia, ter conhecimento da visita do educador norte americano Frank Charles Laubach ao Brasil:

Estranhamente, Paulo Freire não admitiu, em sua autobiografia, ter conhecimento da visita de Laubach a Pernambuco. Ignorar tal visita seria uma impossibilidade, considerando-se o tratamento VIP que fora dado àquele educador norte-americano pelas autoridades brasileiras, bem como pela imprensa e pelo rádio, não havendo ainda televisão. Concomitante e subitamente, começaram a aparecer em Pernambuco cartilhas semelhantes às de Laubach, porém com teor filosófico totalmente diferente. As de Laubach, de cunho cristão, davam ênfase à cidadania, à paz social, à ética pessoal, ao cristianismo e à existência de Deus. As novas cartilhas, utilizando idêntica metodologia, davam

¹⁰⁸ FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. 2. ed. Rio de Janeiro – RJ, Paz e Terra, p. 121-

123

¹⁰⁹ *Ibid.*, p. 119

ênfase à luta de classes, à propaganda da teoria marxista, ao ateísmo e à conscientização das massas à sua "condição de oprimidas". O autor dessas outras cartilhas era o genial Sr. Paulo Freire, diretor do SESI, que emprestou seu nome a essa "nova metodologia" — da utilização de retratos e palavras na alfabetização de adultos — como se a mesma fosse da sua autoria. Tais cartilhas foram de imediato adotadas pelo movimento estudantil marxista, para a promulgação da revolução entre as massas analfabetas. A artimanha do Sr. Paulo Freire "pegou", e esse método é hoje chamado Método Paulo Freire, tendo o mesmo sido apadrinhado por toda a esquerda, nacional e internacional, inclusive pela ONU¹¹⁰.

O histórico da criação e do desenvolvimento do chamado método Paulo Freire sempre pareceu incompleto e, conseqüentemente, despertou algumas curiosidades do ponto de vista acadêmico, pela seguinte razão: todo e qualquer método acadêmico, para ser aceito e considerado científico, precisa passar por vários testes e aprovações na academia em sua fase experimental. São estes testes e aprovações que fazem com que este método deixe de ser apenas uma iniciativa aventureira, e passe a ser considerado um método científico. E, por coincidência ou não, o suposto método Paulo Freire nunca apresentou um relato histórico sobre algum tipo de teste e aprovação acadêmica e científica a ele submetido em sua fase experimental. Fato que realmente chama atenção e faz com que as observações supra relacionadas mereçam mais atenção.

A questão levantada por David Gueiros é, no mínimo, curiosa. Sua estranheza em relação ao fato de Paulo Freire não admitir ter conhecimento da referida visita do missionário e educador norte-americano Frank Charles Laubach em sua autobiografia merece uma atenção e uma análise um pouco mais acurada. Afinal, trata-se de autobiografia, e não uma biografia. Se fosse uma biografia, poderia se considerar que, talvez, o autor não achou relevante relatar o episódio.

Entretanto, como se trata de uma autobiografia, ignorar tal acontecimento tão relevante para a história da educação brasileira e que tinha a ver diretamente com a sua área, realmente parece incompreensível. E, se o motivo de fato, foi falta de conhecimento sobre a referida visita, as palavras de David Gueiros parecem proceder, quando diz que ignorar tal visita seria uma impossibilidade, considerando-se o tratamento VIP que fora dado àquele educador norte-americano pelas autoridades brasileiras, bem como pela imprensa e pelo rádio. É difícil crer que, *a priori*, Freire não tenha conhecido Laubach

¹¹⁰VIEIRA, David Gueiros. *Método Paulo Freire, ou Método Laubach?* Disponível em: <http://www.escoladempartido.org/artigos/178-metodo-paulo-freire-ou-metodo-laubach>. Acesso em: 10 de Novembro de 2014.

ou, pelo menos, o seu trabalho. Afinal, ele era, acima de tudo, um pesquisador e como tal, no mínimo, conhece e cita autores de sua área, ainda que razoavelmente.

Outro fato que chama atenção no histórico da criação e desenvolvimento do suposto método freiriano foi o apoio do governo populista recebido por Freire, na divulgação do referido método. De acordo com Eliane Maria de Jesus:

A divulgação do Método Paulo Freire de alfabetização, seu sucesso e apoio recebido do governo populista da época, não pode ser visto como um fato qualquer. Toda ação pressupõe certa intencionalidade. Existe aquela intenção declarada, e existem aquelas que somente com uma análise aprofundada podem ser percebidas, o que poderá dizer quais das intenções prevalece. Certo é que, o simples fato de ter intenções não reveladas, já nos remete à possibilidade de algo ser ocultado, ou distorcido, por ter em si, valores que não devem aparecer, exceto, para aqueles a quem essas concepções interessam, e que apoiam a disseminação de certas ideias, cabendo então àqueles que de fato possuem interesse na verdade, revelá-la¹¹¹.

A questão levantada pela autora aumenta ainda mais a margem para questionamentos. A iniciativa do governo populista em apoiar a divulgação de um projeto que, até então, não havia sido submetido a quaisquer experimentações científicas é, no mínimo, questionável. Embora não transpareça, é difícil imaginar que se tratou de uma mera e simples iniciativa, sem pretensões. Como tentou expressar Eliane Maria de Jesus (2013), o fato da intenção não ser revelada, já aponta para a possibilidade de algo ter sido ocultado, ou por carregar em sua essência algo que não possa ser identificado ou princípios e valores que não possam ser revelados.

PEDAGOGIA DO OPRIMIDO: UMA ANÁLISE DA FILOSOFIA DE PAULO FREIRE

Após seus primeiros anos fora do Brasil, Paulo Freire redigiu *Pedagogia do Oprimido*, obra que apresenta uma visão pedagógica considerada libertadora por muitos de seus apologistas. O método supostamente por ele idealizado, o qual é apresentado ao longo dessa obra, apesar de prolixo, parece aproximar-se do sócio-construtivismo. Certos críticos de Freire asseveram, todavia, que o que há de metodologia pedagógica em seus escritos não é de sua autoria, mas de Laubach.

¹¹¹JESUS, Eliane Maria de. *Educação e Capitalismo: para uma crítica a Paulo Freire*. Rio de Janeiro: Rizoma, 2013. p. 57.

A essência da análise freiriana não parece fundar-se numa metodologia estritamente pedagógica; sua base central de apoio é eivada de filosofia comunista, exaustivamente encontrada em citações de diversos autores ao longo de sua obra: Karl Marx, Lenin, Mao Tsé-Tung, Che Guevara, Fidel Castro, Frantz Fanon, Régis Debray, Herbert Marcuse, Jean-Paul Sartre, Louis Althusser, Rosa Luxemburgo e Georg Lukács.

O caráter político da obra de Freire torna-se evidente quando ele afirma que a esquerda marxista só erra ao reagir erroneamente à direita conservadora: “Não são raros os revolucionários que se tornam reacionários pela sectarização em que se deixam cair, ao responder à sectarização direitista”¹¹².

Atacando o que denomina “sectarização”, a qual é sempre “castradora pelo fanatismo de que se nutre”, afirma que esta só se dá num contexto conservador, de direita. Sua pretendida pedagogia é, portanto, limitada, pois ainda se prende à ultrapassada dicotomia esquerda-direita. Um escritor brasileiro de renome, todavia lançado ao ostracismo, Gustavo Corção, tratou da caducidade do que intitulou “jogo direita-esquerda”:

A origem desse binômio, como ninguém ignora, foi a divisão das poltronas no parlamento francês. Os termos que definiam bancadas e ídoles partidárias subiram para o céu das essências e passaram a designar certos arquétipos, ou, em linguagem mais aristotélica do que platônica, tornaram-se abstratos; mas ao mesmo tempo que perdiam densidade telúrica ganhavam estranhas energias. (...) Mas é depois de 1930 que o jogo — falseado em suas regras — ganha um vigor que bem traduz o enfraquecimento da inteligência do século¹¹³.

Em oposição à sectarização, encontra-se, na lógica freiriana, a radicalização revolucionária, que seria o único caminho para o que ele denomina “libertação”. Freire julga que a sala de aula deva ser “revolucionária¹¹⁴” e critica a piedade religiosa popular, classificando-a como uma “distorcida visão de Deus¹¹⁵”, “dentro do mundo mágico ou místico em que se encontra a consciência oprimida, sobretudo camponesa” [...] ¹¹⁶Desta sorte, a religião popular é claramente, mais uma vez, alvo do marxismo. Estaria Freire se arvorando em consultor teológico da consciência camponesa oprimida? Se há uma “visão distorcida de Deus” presente nas consciências populares, qual seria a visão correta

¹¹² Freire, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. p. 22.

¹¹³ CORÇÃO, Gustavo. *O século do Nada*. Disponível em: <http://permanencia.org.br/drupal/node/582>.

Acesso em: 21 de Novembro de 2014.

¹¹⁴ (Ibdi, p. 51)

¹¹⁵ (Ibdi, p. 52)

¹¹⁶ (Ibdi, p. 53).

de Deus que Paulo Freire teria a apresentar? Seria a do Livro Vermelho de Mao Tsé-Tung?

A revolução campesina por meio da tomada de terra é abertamente incentivada; e Freire enfatiza: “é preciso ver a vulnerabilidade do opressor”¹¹⁷. Ao tratar do que chama de “caráter eminentemente pedagógico da revolução”, Paulo Freire clama pela união dos “líderes revolucionários de todos os tempos” e afirma a “necessidade de convencimento das massas”. Para ele, a liderança revolucionária de esquerda não deve esperar a chegada ao poder para implantar suas ideias: “Se esta educação somente pode ser realizada em termos sistemáticos, pela sociedade que fez a revolução, isto não significa que a liderança revolucionária espere a chegada ao poder para aplicá-la”¹¹⁸. Paulo Freire espera, portanto, que a liderança revolucionária assuma o poder! Eis o caráter político de sua obra.

Um leitor atento perceberá que a obra *Pedagogia do Oprimido* está completamente eivada de uma mentalidade revolucionária, que rompe com tudo aquilo que a precede em filosofia e pedagogia e que quer iniciar tudo do zero. Tal mentalidade foi objeto de análise do filósofo Olavo de Carvalho:

Mentalidade revolucionária é o estado de espírito, permanente ou transitório, no qual um indivíduo ou grupo se crê habilitado a remoldar o conjunto da sociedade – senão a natureza humana em geral – por meio da ação política; e acredita que, como agente ou portador de um futuro melhor, está acima de todo julgamento pela humanidade presente ou passada, só tendo satisfações a prestar ao “tribunal da História”. Mas o tribunal da História é, por definição, a própria sociedade futura que esse indivíduo ou grupo diz representar no presente; e, como essa sociedade não pode testemunhar ou julgar senão através desse seu mesmo representante, é claro que este se torna assim não apenas o único juiz soberano de seus próprios atos, mas o juiz de toda a humanidade, passada, presente ou futura. Habilitado a acusar e condenar todas as leis, instituições, crenças, valores, costumes, ações e obras de todas as épocas sem poder ser por sua vez julgado por nenhuma delas, ele está tão acima da humanidade histórica que não é inexato chamá-lo de Super-Homem¹¹⁹.

¹¹⁷(Ibid, p. 55)

¹¹⁸(Ibid, p. 87)

¹¹⁹CARVALHO, Olavo de. *A mentalidade revolucionária*. Disponível em: <http://www.olavodecarvalho.org/semana/070813dc.html>. Acesso em: 14 de Novembro de 2014.

No capítulo terceiro, ao citar Che Guevara¹²⁰ e Mao Tsé-Tung¹²¹ como fontes fidedignas para a idealização de uma possível solução para a superação da contradição educador-educando, Freire demonstra sua total simpatia pelas ditaduras vermelhas. Segundo ele, em Mao Tsé-Tung encontra-se toda uma “teoria dialógica de constituição do conteúdo programático da educação, que não pode ser elaborado a partir das finalidades do educador, do que lhe parece ser melhor para seus educandos”.¹²²

Ora, a sua filosofia demonstra que todas as coisas existentes têm uma causa eficiente e uma causa final. Um professor, ao elaborar seus planos de aula, traça objetivos (fins, metas) a serem alcançados. A visão do professor em relação aos alunos é, pois, totalmente desconsiderada em Paulo Freire.

Em Pedagogia do Oprimido a educação é, *per se*, repensada totalmente sob o prisma da filosofia marxista; suas propostas pedagógicas revolucionárias são exaltadas em detrimento da pedagogia tradicional, conservadora, a qual não passaria de um conjunto de “devaneios intelectuais”, pois não estaria inserida no contexto dos oprimidos. O papel do professor no processo ensino-aprendizagem é reduzido ao de mediador, ou até de mero expectador; dá-se, portanto, uma importância inflada ao aluno.

Freire deixa transparecer que o método por ele apresentado está baseado no que denomina “dialogicidade”¹²³ a qual serviria de instrumento para a superação da suposta contradição educador-educando; tal dialogicidade colocaria por terra os tradicionais “esquemas verticais”¹²⁴. O substantivo “hierarquia” simplesmente inexistente no vocabulário freiriano. Sua filosofia chega, portanto, a beirar o Anarquismo quando assevera: “Já agora ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo”.¹²⁵

Em sua proposta referente à alfabetização dos “educandos”, Freire afirma que deve haver um “universo mínimo temático” para a elaboração dos “temas geradores”.

¹²⁰Ernesto Guevara de la Serna (1928-1967) foi um dos ideólogos e guerrilheiros terroristas que lideraram a Revolução (1953-1959) que implantou uma ditadura comunista em Cuba, a qual perdura até hoje. Che Guevara impulsionou a instalação de grupos guerrilheiros em diversos países da América Latina e foi um dos mentores, também, dos “Campos de Trabalho Corretivo” de inspiração sino-soviética. Em Cuba, no “paredón”, Ernesto Guevara participou ativamente da morte de milhares de pessoas. Informações obtidas em: http://www.istoe.com.br/colunas-e-blogs/coluna/3131_REVELA

COES+DOS+ALGOZES+DE+CHE+GUEVARA Acesso em: 03 de Março de 2015.

¹²¹Mao Tsé-Tung (1893-1976) liderou a Revolução (1949) que implantou uma ditadura comunista na China, a qual também perdura até os dias atuais. Tornando-se ditador e chefe do Partido Comunista chinês, Mao impôs uma reforma agrária radical, usando a violência e o terror para derrubar latifundiários antes de tomar suas grandes propriedades, dividindo assim suas terras. Informações obtidas em: http://veja.abril.com.br/161105/p_122.html. Acesso em: 03 de Março de 2015/

¹²² (Ibid, p. 98)

¹²³ (Ibid. p. 78),

¹²⁴ Historicamente, esquemas verticais se referem aos métodos pedagógicos tradicionais ou conservadores.

¹²⁵ (Ibid, p. 79).

Ele, todavia, não considera que seu suposto método deva ser passível de análise comprobatória: “[...] o conceito de ‘tema gerador’ não é uma criação arbitrária ou uma hipótese de trabalho que deva ser comprovada”¹²⁶. Ora, um método que não precisa ser comprovado academicamente está isento de todo e qualquer caráter científico!

Após expor o que seriam “situações limites” e “atos limites”, tudo isto com base numa realidade social local dos educandos, Freire trata do tema gerador, o qual se encontraria contido no universo temático mínimo do educando. Referindo-se à “metodologia conscientizadora” e às “etapas de descodificação”¹²⁷ Freire demonstra seu propósito revisionista em relação à alfabetização. Tal revisionismo da alfabetização é aterrador, pois todo idioma compõe-se de uma estrutura básica -- alfabeto, lista de fonemas, e suas combinações, as regras básicas da morfologia e da sintaxe – que só podem ser assimiladas por memorização e exercícios repetitivos. Não obstante, no capítulo II da obra em análise, Freire assevera ser contra memorizar e repetir e tece uma crítica à educação como o que ele chama de “ato de depositar”. Para implementar seu método Freire considera a necessidade de investigação por parte de uma equipe para avaliar a realidade social local de determinado povo. A atividade de tal equipe pode ser resumida da seguinte maneira:

- 1 – Consultar fontes secundárias: conversa informal com o povo;
- 2 – Informar os objetivos da presença na área;
- 3 – Dizer o porquê, como e o para quê da investigação.

Para Freire, o conteúdo trabalhado pelo professor em sala de aula deve se adaptar à visão de mundo dos educandos, onde se encontram seus temas; o conteúdo programático, portanto, deveria ser elaborado a partir do contexto social local:

[...] o conteúdo programático da educação não é uma doação de uma imposição – um conjunto de informes a ser depositado nos educandos, mas a devolução organizada, sistematizada e acrescentada ao povo daqueles elementos que este lhe entregou de forma inestruturada¹²⁸.

Tal proposta limita temerariamente a visão de mundo do âmbito educacional, pois os alunos estariam limitados a sua própria realidade, não tendo, assim, acesso ao múltiplo universo de informações que os circundam em outros contextos do país e do

¹²⁶ (Ibid, p. 103)

¹²⁷ (Ibid, p. 115)

¹²⁸ (Ibid., p. 98)

mundo. Um conteúdo programático que é oriundo estritamente da realidade local do povo e que só pode refletir “anseios e esperanças do povo¹²⁹” equivale pedagogicamente a caminhar em círculos.

Após a fase da alfabetização, o centro da análise filosófico-pedagógica freiriana apoiar-se-á não mais nas “palavras geradoras”, mas no “tema gerador”, que será objeto de discussões de cunho socialista sob a orientação do professor em sala de aula: “Se, na etapa da alfabetização, a educação problematizadora e da comunicação busca e investiga a ‘palavra geradora’, na pós-alfabetização busca e investiga o ‘tema gerador’¹³⁰”.

Freire, entretanto, não se restringiu ao âmbito da alfabetização e pós-alfabetização; ele foi mais longe: clamou pela “transformação das Universidades” quando pontificou sobre a necessidade do “desaparecimento da rigidez nas relações professor-aluno” e da “inserção delas [das Universidades] na realidade [o Socialismo]”. Segundo sua visão, as Universidades devem rechaçar “velhas ordens e instituições estabelecidas”¹³¹. Seu ataque frontal às instituições tradicionais que lançaram as bases e que formataram a Civilização Ocidental é lastimável.

A OBSERVAÇÃO DE FILÓSOFOS, EDUCADORES E ANALISTAS DA EDUCAÇÃO SOBRE A FILOSOFIA FREIRIANA E SEUS REFLEXOS NO ENSINO SUPERIOR

Rozanne Knudson afirma que “na obra de Freire [Pedagogia do Oprimido] não chegamos nem perto dos tais oprimidos. Quem são eles? A definição de Freire parece ser qualquer um que não seja um opressor”¹³². Para John Egerton, “não há originalidade no que ele [Paulo Freire] diz, é a mesma conversa de sempre. Sua alternativa a perspectiva global é retórica bolorenta. Ele é um teórico político e ideológico, não um educador”¹³³.

Para o leitor de Freire que está apenas interessado em citá-lo como autor referencial para enaltecer suas ideias, a observação de John Egerton pode parecer um

¹²⁹ (Ibid. p. 120)

¹³⁰ (Ibid., p. 120)

¹³¹ (Ibid., p. 29-30)

¹³² KNUDSON, Rozanne, *Resenha da Pedagogia of the Oppressed*; Library Journal, Abril, 1971 apud Olavo de Carvalho. Disponível em: <http://www.olavodecarvalho.org/semana/120419dc.html>. Acesso em: 22 de Novembro de 2014.

¹³³ EGERTON, John. *Searching for Freire*, Saturday Review of Education, Abril de 1973 apud Olavo de Carvalho. Disponível em: <http://www.olavodecarvalho.org/semana/120419dc.html>. Acesso em: 21 de Novembro de 2014.

tanto exagerada, mas, para quem lê Freire com lentes críticas, a observação merecerá um pouco mais de atenção, uma vez que é perceptível nas obras de Freire um impulso muito mais filosófico e político. Suas produções e obras normalmente apresentam veias filosóficas e políticas naturalmente. Como observa o filósofo e escritor Mário Sérgio Cortella¹³⁴ “ocorre que o pensamento de Freire está mais ligado à filosofia da Educação do que a uma metodologia de alfabetização”¹³⁵.

Freire fazia questão de evidenciar suas convicções filosóficas e políticas em seus escritos. E, como consequência dessa peculiaridade, algumas das suas obras, naturalmente, acabam apresentando mais teorias ideológicas do que técnicas e métodos educacionais propriamente ditos. Outra crítica oriunda da Academia, que também recai sobre as filosofias educacionais e as propostas pedagógicas de Freire, funda-se em sua falta de cientificidade, haja vista que suas ideias e propostas são consideradas muito superficiais e sem embasamento científico. Talvez por esta superficialidade suas ideias não tivessem sucesso nos países . Segundo Eduardo Santos:

Há, pelo menos, três críticas fortes, vindas da própria Academia, a Paulo Freire e a seu pensamento pedagógico: a primeira, que as ideias freirianas só teriam aplicabilidade à realidade terceiro-mundista; outra, é que a obra dele não constitui propriamente um trabalho científico, é muito mais uma obra com certos laivos didáticos e razoavelmente superficiais, talvez até pelo estilo missivista de várias delas (Cartas à Guiné Bissau, Cartas a Cristina etc.); uma terceira questão é que o método ou técnica que ele criou, e que chama de círculo de cultura, também é aplicável exclusivamente a adultos em processo de alfabetização. Em torno dessas três grandes críticas que vêm da própria Academia, impeditivas para que Paulo Freire tenha um pouco mais de dignidade acadêmica no ensino superior, qual a sua perspectiva?¹³⁶

Não é preciso necessariamente ser um especialista em matéria de educação, para perceber o quanto a pedagogia brasileira é influenciada pelas filosofias educacionais de Paulo Freire. Ao longo dessas duas últimas décadas, a educação brasileira foi pensada e repensada a partir das filosofias de Freire, principalmente. Parte considerável da

¹³⁴Amigo pessoal e chefe de gabinete de Paulo Freire durante sua passagem pela Secretaria Municipal da Educação de São Paulo, entre 1989 e 1992.

¹³⁵CAMARGO, Paulo de. Paulo Freire sob a luz da atualidade: um amplo olhar sobre a obra do Patrono da Educação no Brasil, que permite refletir sobre a importância do trabalho colaborativo, da inclusão, da pesquisa e das novas tecnologias digitais para potencializar o ensino e o aprendizado. *Revista Educatrix: A revista que pensa a Educação*, no 6, São Paulo, 2014, p. 32.

¹³⁶SANTOS, Eduardo; TAVARES, Manuel. O pensamento de Paulo Freire: Suas implicações na educação Superior. *Revista Lusófona de Educação* n. 24, Lisboa 2013. Disponível em: http://www.scieio.gpeari.mctes.pt/scielo.php?pid=s164572502013000200013&script=sci_arttext>. Acesso em: 20 de Dezembro de 2014.

produção pedagógica nacional nesses últimos dezoito (18) anos foi influenciada, direta ou indiretamente, pelas ideias de Freire. É muito difícil encontrar nas produções pedagógicas publicadas nesses últimos anos em nível nacional, obra que não cite Paulo Freire. Portanto, é óbvia a forte influência do pensamento freiriano na pedagogia nacional.

Entretanto, o que assusta, é saber que o pensamento de Freire, enquanto referência da educação nacional, não tem associabilidade científica. De todas as três críticas oriundas do ambiente acadêmico à filosofia de Paulo Freire, pontuadas por Eduardo Santos, a que considera o seu pensamento superficial e abaixo do pensamento científico é, realmente, a que mais chama atenção. Tudo por causa do lugar que Freire ocupa na educação brasileira e de sua importância no processo de desenvolvimento do ensino brasileiro. Afinal, além de suas ideias presentes significativamente na academia, trata-se do patrono da educação brasileira.

Com as ideias e filosofias daquele que se considerou o patrono da educação brasileira postas em cheque pela comunidade científica interna, e, principalmente, externa, certamente não há como se esperar que o ensino nacional seja bem visto pelos críticos e analistas. Por muitos anos a educação brasileira foi representada e apresentada por Freire. Conseqüentemente, todo e qualquer julgamento feito à sua filosofia acaba refletindo de certa forma no ensino brasileiro, bem como os créditos dados às suas ideias. Segundo Olavo de Carvalho, Paulo Freire “tirou nossas universidades da lista das melhores do mundo e reduziu para um tiquinho de nada o número de citações de trabalhos acadêmicos brasileiros em revistas científicas internacionais”.¹³⁷ No entendimento de Wayne J. Urban, “A Pedagogia do Oprimido não ajuda a entender nem as revoluções nem a educação em geral”¹³⁸.

Para Rolland G. Paulston, a aparente inabilidade de Paulo Freire de dar um passo atrás e deixar o estudante vivenciar a intuição crítica nos seus próprios termos reduziu Freire ao papel de um guru ideológico flutuando acima da prática¹³⁹. Se a filosofia de Freire, suas idéias e suas propostas pedagógicas foram realmente funcionais e tiveram suas implicações positivas na educação nacional, o termômetro para testificar

¹³⁷CARVALHO, Olavo de. *Diário do Comercio*, 19 de Abril de 2012. *Viva Paulo Freire*. Disponível em: <http://www.olavodecarvalho.org/semana/120419dc.html>. Acesso em: 21 de Novembro de 2014.

¹³⁸URBAN, Wayne J. apud CARVALHO Olavo de. *Diário do Comercio*, 19 de Abril de 2012. *Viva Paulo Freire*. Disponível em: <http://www.olavodecarvalho.org/semana/120419dc.html>. Acesso em: 22 de Novembro de 2014.

¹³⁹PAULSTON, Rolland G. apud CARVALHO, Olavo de. *Diário do Comercio*, 19 de Abril de 2012. *Viva Paulo Freire*. Disponível em: <http://www.olavodecarvalho.org/semana/120419dc.html>. Acesso em: 24 de Novembro de 2014.

tais implicações seria o Ensino Superior, visto que é neste nível de ensino que as filosofias educacionais que adentraram o sistema educacional brasileiro desembocam. É onde os frutos são realmente colhidos, e pode-se analisar se as idéias implementadas nos Ensinos Fundamental e Médio surtiram efeito ou não. E é exatamente neste meio que suas propostas não conseguem se adequar. Segundo Eduardo Santos:

No Fórum Social Mundial (FSM), há uns três ou quatro anos, em Porto Alegre, fizemos círculos de cultura, numa tentativa de testar o método [Freireano], na prática, com pessoal universitário, professores, estudantes etc., para buscar dar-lhe, digamos assim, um certo estatuto ou dignidade científica, inclusive como processo de pesquisa, talvez mais propriamente de pesquisa-ação. Uma das críticas da Academia – e não apenas em relação a Paulo Freire – é que não há ou não havia cientificidade e profundidade naquilo que ele fazia¹⁴⁰.

A falta de cientificidade nas propostas de Paulo Freire, a reprovação e o insucesso da filosofia freiriana no ambiente científico, pontuado e enfatizado por Eduardo Santos, explicam muitos fenômenos que assolam a educação brasileira atualmente e ajudam a entender a descaracterização e o descrédito da pedagogia brasileira. A falta de status das ideias de Freire perante a comunidade acadêmica nacional e a indignidade das suas ideologias educacionais representam a educação nacional atualmente.

Essa realidade é evidenciada pela tamanha insatisfação do próprio brasileiro com o sistema do ensino do país, e seu enfraquecimento contínuo. Apesar de muitos esforços feitos nos últimos anos, objetivando melhorar o quadro da educação nacional, o país ainda está muito aquém do patamar desejado e esperado pelo brasileiro. Obviamente que não se está imputando sobre a filosofia freiriana toda a responsabilidade do atual cenário da educação nacional, pois a investigação buscou observar apenas os reflexos do pensamento de Freire na educação brasileira enquanto um dos seus principais mentores.

Evidenciaram-se os reflexos do construtivismo freiriano, principalmente, na questão de supervalorização do educando em detrimento do *mínus* do professor em sala de aula visto que a ausência de uma clara distinção de papéis no cotidiano escolar e acadêmico facilmente geraria uma sensação de insegurança e instabilidade pois, em certa medida, os discentes necessitam de uma orientação firme, segura, abalizada e experiente.

Indubitavelmente em toda a história da humanidade houve a figura do *Magister*, isto é, do Mestre que se dedica ao profundo conhecimento para, da melhor maneira possível, retransmití-lo. Não sendo detentor do conhecimento, trabalhará,

¹⁴⁰Revista Lusófona de Educação no. 24 Lisboa 2013. Op. Cit.

contudo, para transmiti-lo. É impossível, por exemplo, imaginar que crianças ou adultos que nunca tiveram contato com as letras sejam alfabetizados autodidaticamente sem que haja alguém que objetiva e claramente lhes ensine ao menos os rudimentos estruturais da língua.

Os mestres devem, pois, resgatar sua dignidade acadêmica, valorizando sua formação, conhecimento, experiência e competência que adquiriram ao longo da vida para transmitir o que receberam dos que os precederam. O professor não é o único ser pensante, mas é protagonista do pensar; seu papel não pode ser neutralizado sob a égide de uma filosofia pedagógica aventureira a qual afirma não ser passível de experimentação acadêmica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A gestão do Ensino Superior brasileiro nos últimos anos, principalmente no que concerne à área pedagógica, tem apresentado certa deficiência por causa da falta de comprometimento com uma autêntica e eficaz metodologia científico-acadêmica. A decepção e a frustração dos jovens acadêmicos em relação ao ensino de seu país constituem os principais fatores causadores do declínio da competitividade acadêmica nacional nos últimos anos.

Na essência de todas essas coisas encontra-se o descrédito do próprio acadêmico em relação aos referenciais teóricos da educação brasileira, os quais parecem não ser mais tão satisfatórios. Diante dos desafios da pós-modernidade, a caducidade de certos métodos filosófico-pedagógicos, oriundos dos tempos da guerra fria e ainda implementados anacronicamente no âmbito acadêmico, produz um sério impacto negativo na educação nacional como um todo.

No dia treze (13) de abril de dois mil e doze (2012), o Governo Federal, através do Decreto Lei nº 12.612, publicado no Diário Oficial da União no dia 16 de abril do mesmo ano, na Seção 1, página 1, e assinado pela presidente Dilma Roussef, declarou Paulo Freire como o patrono da educação brasileira¹⁴¹. A Filosofia freiriana foi, portanto, sacramentada no âmbito da Educação Básica e Superior. Dois anos (2) depois, em 2014, o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), apresentou o pior resultado em redação em

¹⁴¹ Agência Senado. *Paulo Freire é declarado patrono da educação brasileira*. Disponível em: <http://www12.senado.gov.br/noticias/materias/2012/04/16/paulo-freire-e-declarado-patrono-da-educacao-brasileira>>. Acesso em: 12 de Novembro de 2014.

toda sua história: 529.374 alunos obtiveram nota zero (0). Em contraste, em todo o território nacional, apenas 250 candidatos obtiveram nota máxima na Redação¹⁴².

No cenário internacional, pelo segundo ano consecutivo, o Brasil não tem nenhuma Universidade entre as duzentas (200) melhores do mundo no ranking internacional Times Higher Education (THE), considerado um dos mais respeitáveis rankings de avaliação de produção acadêmica internacional¹⁴³. Dados como estes, evidentemente, demonstram que a educação Brasileira não vai bem, e que nos últimos anos, ao invés de progredir, tem regredido bastante.

ABSTRACT:

In the minds of many people, Paulo Freire was not only an Educator or a researcher, but one of the best creators and mentors of the Brazilian education. However, there are philosophers, educators and education analysts, which have complete different views of Paulo Freire. Focusing these scholars, we intend to analyze critically, Paulo Freire's thought and its reflection on the higher education, over the last eighteen years. Aiming to search the historical roots of Paulo Freire's methodology, as well as evaluating its influency on the educational Brazilian scene, it is the intention to analyse critically Paulo Freire's idea and its reflection on the national higher education according to these scholars. The used research methodology to produce this work will be based on bibliographical sources. To better systematization of research, this study made a historical survey on the creation, development and testing of the supposed method, analyzed the central thesis of the oppressed Pedagogy book and the main philosophical ideas developed by Freire in the work and also filósofos ideas, educators and education analysts on the philosophy of Freire and his reflections on Higher Education.

KEY- WORDS: Philosophy. Paulo Freire. Investigation. Higher Education .

REFERÊNCIAS

Agencia Senado. *Paulo Freire é declarado patrono da educação brasileira*. Disponível em: <<http://www12.senado.gov.br/noticias/materias/2012/04/16/paulo-freire-e-declarado-patrono-da-educacao-brasileira>>. Acesso em: 12 de Novembro de 2014.

BARRETO, Vera Lúcia Queiroga. *Paulo Freire e a alfabetização: um método ou uma metodologia?* Disponível em: http://itd.org.br/img/capacitacao/3a_capacitacao_capacitacao_itd_2011:_bases_epistemologicasfreireanas_para_a_alfabetizacao_de_joven

¹⁴²Disponível em: <http://g1.globo.com/educacao/noticia/2015/01/mec-divulga-notas-do-enem2014.html>. acesso em: 12 de Novembro de 2014.

¹⁴³Disponível em: <http://g1.globo.com/educacao/noticia/2014/10/brasil-fica-de-novo-fora-do-top-200-de-ranking-das-melhores-universidades.html>. Acesso em: 12 de Novembro de 2014.

s_e_adultos_19/CAPACITACAO_19_2013-04-11_17-16-16.pdf. Acesso em: 12 de Novembro de 2014.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O que é Método Paulo Freire*. Disponível em: <http://www.sitiodarosadosventos.com.br/livro/images/stories/anexos/oque_metodo_paulo_freire.pdf>. Acesso em: 03 de Março de 2015.

CAMARGO, Paulo de. Paulo Freire sob a luz da atualidade: um amplo olhar sobre a obra do Patrono da Educação no Brasil, que permite refletir sobre a importância do trabalho colaborativo, da inclusão, da pesquisa e das novas tecnologias digitais para potencializar o ensino e o aprendizado. *Revista Educatriz: A revista que pensa a Educação*, no 6, São Paulo, 2014, p. 32.

CARVALHO, Olavo de. *A mentalidade revolucionária*. Disponível em: <<http://www.olavodecarvalho.org/semana/070813dc.html>>. Acesso em: 14 de Novembro de 2014.

_____. *Diário do Comercio*, 19 de Abril de 2012. Viva Paulo Freire. Disponível em: <<http://www.olavodecarvalho.org/semana/120419dc.html>>. Acesso em: 21 de Novembro de 2014.

CORÇÃO, Gustavo. *O século do Nada*. Disponível em: <<http://permanencia.org.br/drupal/node/582>>. Acesso em: 21 de Novembro de 2014.

EGERTON, John. *Searching for Freire*. Saturday Review of Education, Abril de 1973. Disponível em: <<http://www.olavodecarvalho.org/semana/120419dc.htm>>. Acesso em: 21 de Novembro de 2014.

FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. 2ª ed. Rio de Janeiro – RJ: Paz e terra, p. 121-123.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 7ª ed. Rio de Janeiro –RJ: paz e Terra, 1979.

JESUS, Eliane Maria de. *Educação e Capitalismo: para uma crítica a Paulo Freire*. Rio de Janeiro: Rizoma, 2013.

JESUS, Lorrany de. *Documentário Biografia e Método Paulo Freire*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vYJ uYkbS1vw>. Acesso em: 23 de Novembro de 2014

JOHNSON, Paul apud MAIER, Felix . Artigos Educação. *Um engodo chamado Método Paulo Freire*. Disponível em: < <http://forodobrasil.info/fb/um-engodo-chamado-metodo-paulo-freire/>>. Acesso em: 22 de Novembro de 2014.

KNUDSON, Rozanne. Resenha da Pedagogy of the Oppressed. *Library Journal*. Abril, 1971. Disponível em: <<http://www.olavodecarvalho.org/semana/120419dc.html>> Acesso em: 22 de Novembro de 2014.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. Procedimentos didáticos. In: *Fundamentos de Metodologia Científica*. 6.ed. São Paulo: Ed. Atlas, 2008.

PAULSON, Rolland G. *Diário do Comercio*, 19 de Abril de 2012. *Viva Paulo Freire*. Disponível em: <<http://www.olavodecarvalho.org/semana/120419dc.html>>. Acesso em: 24 de Novembro de 2014.

Pronunciamento do Deputado Elimar Máximo Damasceno do Então PRONA – SP. Disponível em: <<http://www.camara.gov.br/sileg/integras/294053.pdf>> Acesso em: 20 de Dezembro de 2014.

ROCHA, Carlos António da. Frank Laubach, *o Apóstolo da Alfabetização*. Disponível em: <http://www.no-caminhodejesus.blogspot.com.br/2012/06/normal-0-21-false-false-false-pt-x-none_7885.html>. Acesso em: 22 de Dezembro de 2014

SANTOS, Eduardo; TAVARES, Manuel. O pensamento de Paulo Freire: Suas implicações na educação Superior. *Revista Lusófona de Educação*. n. 24, Lisboa, 2013. Disponível em: <http://www.scielo.gpeari.mctes.pt/scielo.php?pid=s164572502013000200013&script=sci_arttext>. Acesso em: 20 de Dezembro de 2014.

SANTOS, Edicleia Aparecida Alves dos. *Resgate do Histórico do Analfabetismo Adulto no Brasil: um caminho ainda por se construir*. Disponível em: <http://www.cereja.org.br/arquivos_upload/edicleia_rita_caminhos_descaminhos.pdf>. Acesso em: 05 de Janeiro de 2015.

URBAN, Wayne J. *Viva Paulo Freire. Diário do Comercio*. 19 de Abril de 2012. Disponível em: <<http://www.olavodecarvalho.org/semana/120419dc.html>>. Acesso em: 22 de Novembro de 2014.

VIEIRA, David Gueiros. *Método Paulo Freire, ou Método Laubach?* Disponível em: <<http://www.escolasem partido.org/artigos/178-metodo-paulo-freire-ou-metodo-laubach>> Acesso em: 10 de Novembro de 2014.